

HISTÓRIAS E LENDAS AMAZÔNICAS

11 – RITUAL DA INFANCIA PARA VIDA ADULTA INDIGENA

Existem vários rituais indígenas quando da passagem do índio infantil para a adolescência, no Brasil e Regiões distintas, são realizados diferentemente. Existem rituais para o curumim (menino) e cunhantã (menina).

A formação do homem adulto e sua incorporação no universo masculino exige diversos testes de virilidade, força física, domínio das emoções, em particular do medo, e constante aprimoramento das habilidades básicas que o trabalho requer, assim como a assimilação das regras e valores culturais. Desse modo, os meninos passam por uma série de provações que podem incluir atividades, tais como: passar uma ou mais noites sozinho na mata, levar muitas picadas de formigas, permanecer dentro da água, movimentando os braços por longo período de tempo, pisar em brasas, correr durante dias consecutivos, inscrever tatuagens, perfurar partes do corpo, submeter-se a diversas formas de dor e medo, realizar caçadas difíceis.

VENENO SAGRADO

A tribo indígena dos Matis, que vivem na floresta amazônica brasileira, realiza quatro testes com os garotos, para que eles mostrem que podem participar das caçadas com os outros homens. Primeiro, os garotos recebem veneno diretamente nos olhos, para supostamente melhorar a sua visão e aguçar os sentidos. Depois, eles são espancados e recebem chicotadas, para depois receber a inoculação do veneno de um sapo venenoso da região.

A tribo acredita que o poderoso veneno do animal aumenta a força e a resistência, o que só acontece depois que o participante do ritual sofre com fortes enjoos, vômitos e diarreia. Quando os garotos passam por esta terrível sequência de testes, são considerados aptos a participar das caçadas da tribo.

RITUAL DA TUCANDEIRA

O ritual de iniciação masculina do povo Saterê-Mawé ou ritual da Tucandeira, é uma forma de iniciação masculina, de passagem da infância para a vida adulta. Uma prática repassada de geração em geração que, mesmo com a pressão da sociedade moderna, se mantém viva.

As formigas são levadas de volta para a aldeia e colocadas em um balde de água contendo folhas de caju picadas. Essa mistura anestesia os insetos por cerca de meia hora, para que possam ser manuseados e fixados, um a um, dentro de um par de luvas grandes, com o ferrão apontando para dentro.

Considerado pelos indígenas como um ato de força, coragem e resistência à dor, o ritual consiste em vestir uma luva cheia de formigas tucandeiras e resistir por ao menos 15 minutos. Além da representatividade da bravura masculina, o ritual também simboliza uma proteção para o corpo. Segundo a crença dos Saterê-Mawé, a ferroada da tucandeira funciona como uma espécie de vacina. Depois que os jovens colocam as mãos nas luvas, eles cantam e dançam até tarde da noite. O ritmo é marcado por chocalhos cheios de sementes amarradas as pernas.

Durante o ritual, o jovem deve se deixar ferrar no mínimo 20 vezes. Para isso, coloca as mãos dentro da saaripé, uma luva de palha feita pelos padrinhos, que são os tios maternos do iniciante. As luvas, tecidas com fibras naturais, são decoradas com penas vermelhas de arara representando guerras e outros conflitos passados que os Saterê viveram e penas brancas do gavião real, simbolizando a coragem e a resistência do povo Saterê. A transição sexual dos rapazes também é simbolizada pelas plumas nos punhos das luvas. Elas representam os pelos pubianos, e marcam a transição do adolescente para o guerreiro e o marido.

Durante o ritual, a comunidade toda canta e dança ao lado do adolescente, em especial as mulheres solteiras, que buscam maridos fortes e corajosos. Os homens dizem que ficar imersos no ritmo, que é a única maneira de aliviar a dor. A medida que a noite avança, as mulheres Sateré se juntam à dança.

O ritual começa no dia anterior, com a captura das formigas vivas e com ferrão, com o uso de folhas do caju-branco. Enquanto as tucandeiras são conservadas em um bambu, os meninos têm seus braços pintados com uma tintura preta de jenipapo, feita por suas mães. Em seguida, com um dente de paca, elas começam a riscar a pele dos meninos até sangrar.

Ao enfiar as mãos em uma luva cheia de formigas, o menino não apenas demonstra estar apto para vida, mas também ganha respeito e admiração, além da certeza de que está protegido contra várias doenças. A tucandeira é uma formiga cuja picada do ferrão provoca dores durante quase 24 horas. Para esses jovens, o ritual marca definitivamente a transição da infância para a idade adulta. Após a primeira experiência com as formigas, eles podem se casar e começar uma família, mas espera-se que passem pelo rito ao menos 20 vezes durante a vida. A cada cerimônia, dizem, eles saem mais fortes, mais preparados para defender sua cultura.

Um mito diz respeito à origem da própria tucandeira: “Nesta lenda, a formiga representa a mulher, desempenha o papel de mãe, a força transformadora, assim como a morte transforma a humanidade em natureza”.



RITUAL DE PASSAGEM DAS MULHERES DA INFÂNCIA A ADOLESCÊNCIA

Os rituais de iniciação das mulheres, em geral, implicam um longo período de reclusão, durante o qual as moças quase não saem de casa, chegando até a perder a cor bronzada da pele por falta de sol; ou saem da reclusão, desbotadas e com os cabelos longos, cobrindo o rosto.

O ritual acontece no primeiro dia em que a menina tem sua primeira menstruação. Ela é fechada dentro de casa até o final do ciclo menstrual, e até todo esse tempo só é vista e cuidada pela mãe, pela avó e tias. A avó e tias ficam fazendo seus enfeites para o último dia da festa, enquanto o avô e os tios vão caçar e pescar para que tenha comida suficiente para oferecer aos convidados, e ser servida para a moça. Durante um tempo que pode durar de seis meses a dois anos, ou até mais, a contar da primeira menstruação, a moça é recolhida em um espaço reservado dentro de sua casa (um biombo pode ser a delimitação desse espaço), de onde sairá apenas para satisfazer necessidades fisiológicas; é o tempo de aprender a lidar com sua menstruação, de fixar os tabus menstruais, alimentares e outros, repassar conhecimentos e confeccionar os objetos femininos, como se fosse o seu enxoval: redes de dormir para ela e o futuro marido, cestos de carregar, panelas de cerâmica, colares próprios das mulheres adultas, dependendo sempre de qual seja a tradição cultural. Ouvem muitas histórias, conversam com as mulheres mais velhas, enfim, preparam-se para as futuras responsabilidades.

A avó em casa prepara a comida, como: peixe, batatas, beiju, milho, calují e entre outros alimentos que vai ser servida para a moça e oferecida para os convidados que vem para a festa. Os convidados são os parentes da mesma aldeia e também os que moram em outra aldeia. Quando a família chega, todo(a)s vão se pintar com a mesma “tinta” que a moça foi pintada e comer da mesma comida que foi à servida, e outros alimentos eles(a) dividem entre si para levar para sua casa. As tias cortam o cabelo da moça e também cortam os seus, e fazem um topete. São ensinados para as novas moças, de como será sua responsabilidade, aconselhando como assumir a vida adulta, ter casa, filhos e aprender a fazer os artesanatos da cultura Karajá favorecendo para o resgate da cultura e respeito de suas tradições.

Esse é um momento delicado, a mudança de estado não tem retorno. Ao completar o ciclo ritual, a criança será adulta, pronta para casar, procriar e realizar a reprodução social.

Em muitos casos, os rituais iniciáticos dos jovens encerram-se com a cerimônia de casamento.



**Boi Garantido
O Grande Ritual da Tucandeira**

Tenereké munriã tenereké Mawé

**Vai começar o ritual da tucandeira
Da tribo sateré-mawé
Í-nhaã-bé**

**Porantim sagrado
Segredo milenar
Da lenda de cereçaporanga
Dos olhos de guaraná**

**Vai guerreiro da floresta do rio andirá
Ritual da tucandeira saaripé-ia**

**Tenereké munriã tenereké
Mawé**

**No trançado de arumã
O sagrado ritual
Da iniciação í-nhaã-bé**

Autor: João Wellintongton / Tony Medeiros.



**Boi Caprichoso
Fibras de Arumã**

**Traz nas fibras de arumã
Kari...Uiaperiá...**

**Acende a fogueira
No meio do terreiro
O jovem guerreiro vem anunciar
Uiaperiá...
No compasso da dança
O velho pajé com seu arangá
Uiaperiá...**

**No remo sagrado, porantin
Escritas perdidas no tempo
Estilingue dispara aos ventos
A pedra atirada no tempo
Uiaperiá...
Da cultura, o teu mandamento
Do tuxaua, o ensinamento
Imune aos desgastes do tempo
Em memória dos seus ancestrais
Uiaperiá...**

**Tucandeira, tucandira
Tucanaira, tucandira
Hei...hei...hei...
Nação Mawé-saterê**

Autor: Ronaldo Barbosa

Fonte: GOOGLE e YOUTUBE (as musicas estão disponível no YOUTUBE)

Paulo Almeida Filho – Aposentado AM